

RELATÓRIO

As vinte e oito de dois mil e treze do corrente ano,deram entrada para trabalhar os senhores Pedro Coelho Ribeiro, Eglison Nazário, Jorge Marcos Oliveira, Benedito Claudio, Maicon e Manoel. Três destes, funcionários da empresa ANGLO AMERICAN e o restante de empresas prestadoras de serviço. Todos os que foram citados acima estavam no momento de entrada ou saída do plantão de serviço, que ocorre há zero hora. Vale ressaltar que antes o sistema de horário era oito horas por dia, mas mediante ao grande arcolço de navios para embarcar o rejeito de manganês ampliou-se para doze horas. Assim, no horário de meia noite e cinco minutos, mais ou menos, houve um enorme acidente na área da empresa, mais precisamente no porto de embarque de minérios. No contexto, "a priori", a empresa pronunciou-se as famílias e a imprensa dizendo que tratava-se um Tsunami, que fora antes repassado preliminarmente à empresa. Junto com os trabalhadores foi engolido pelo rio Amazonas: tratores, caçambas, escritório e o porto em si. Todo esse embrólio ocorrido, acarretou de imediato a destruição no Porto de Santana (terminal pesqueiro) e no Porto do Grego de várias catraias, alagamento de grandes embarcações, voadeiras e outros bens materiais.

Porém, a partir do ocorrido, houve um grande alarme no município de Santana, principalmente, no plano da circunscrição territorial da Anglo por ter desaparecido seis funcionários em serviço. Para contrapor-se a afirmação da empresa, iniciou uma ampla analogia dos fatos, supostamente, desdobramento deste acidente.

1º: O Porto com capacidade de suportar no máximo de 300 mil toneladas, havia mais de 500 mil. Um excesso de peso.

2º: O Porto muito antigo, desde o tempo da Icomi. Precisava de um muro de arrimo.

3º: Excesso de jornada de trabalho para atingir as metas;

4º: Mesmo após informações de crateras subterrâneas no Porto. Nunca houve medidas para resolver e evitar este acidente;

Lauderino Inup e Sousa - 1996

Esses foram os fatores de risco assumidos pela empresa, que no conjunto é base para esta tragédia. Porém, tem algo pior segundo informações o navio que estava embarcando minérios deslocou-se, ainda atracado com os cabos de aço, iniciando o efeito cascata. Abriu-se um vácuo e com todo o enorme peso no processo de "terras caídas" foi escorregando tudo ao epicentro do Porto. Tanto que com todo o peso caído no vácuo, as águas do rio foram rapidamente para o centro do canal e com grande voraz retornou para a beira com um impacto de destruição. Os trabalhadores, ribeirinhos, catraieiros e outros que estavam no momento viram "in loco" o rio secar e encher em segundos. Este acidente ocorrido percebeu-se somente aqui em Santana, por isso não existe hipótese alguma de deslocamento de placas tectônicas e o tal Tsunami.

Com o ocorrido a empresa não prestou as medidas preliminares de informar as famílias dos desaparecidos. Fomos avisados por terceiros e amigos que trabalhavam na hora do acidente. Diga-se na informalidade dos fatos. Horas depois saiu a listagem dos desaparecidos e pela manhã a empresa começou os primeiros contatos.

Na manhã do acidente chegou ao perímetro da empresa e depois adentrou diversas autoridades executivas e legislativas: Prefeito Robson Rocha, Governador Camilo Capiberibe, deputada Roseli Matos, Júnior Favacho e Bruno Mineiro, bem como diretores de autarquias e secretários como: Imap, polícia militar, ministério público Estadual, dentre vereadores do município como Jailson Matos. Da sala de reunião, pela manhã, todos deslocaram-se com os diretores da empresa até o local do acidente. No retorno, o governador do Estado e responsáveis da empresa Anglo American, na sala da empresa, falaram com os representantes das famílias das vítimas, diga-se, dois de cada família. Afirmou-se em bom tom, que tanto o executivo Estadual, quanto a empresa dariam todo o suporte de apoio às famílias dos funcionários desaparecidos. Porém, ficou somente nas promessas. Já no mesmo dia, parentes das vítimas passando ruim com pressão baixa e, conseqüentemente, desmaios não tiveram apoio nenhum, assim como ficamos em pé, ora na chuva e no sol. Toda essa situação inflamou os ânimos que culminou em quebra de vidros da portaria da empresa e no início de queima de pneus que não ocorreu. Nós familiares pedimos, sem sucesso, do apoio da empresa: assistência médica, alimentação, cadeiras, banheiros químicos, tendas para nos abrigar, ou seja, uma cenário logístico de espera, de acordo como a situação requeria. Inclusive no início não possuíamos informações dos trabalhos realizados.

Já na sexta-feira chegou até a empresa o Senador da república Randolph Rodrigues, que adentrou os portões. Em sua saída, ele desceu de seu transporte e aqui fora, nos declarou que veio pedir explicações dos fatos e declarou apoio incondicional. Uma medida da empresa foi pedir uma balça de grande porte, para colocar em seu corpo um Guindaste da empresa, objetivando tirar as ferragens e veículos que provavelmente estaria soterrando os trabalhadores. Ressalta-se que esta balça, viria do Estado do Pará, pois no Estado não há.

Ainda na sexta-feira continuando os serviços de dias anteriores, os bombeiros militares fizeram inúmeras buscas na circunscrição do entorno do acidente, foram voadeiras e lanchas dos bombeiros e da capitania e ainda, por conta própria, familiares também faziam as buscas. Mergulhadores entravam no rio e por meio do "tatiamento", buscavam as vítimas e montavam o cenário subterrâneo. Faz-se o zoneamento da área, para depois utilizar com segurança o guindaste. Não lograram êxito e no entardecer os serviços pararam as seis hora da tarde.

As famílias já neste momento, mesmo sem nenhum apoio da empresa, fixaram acampamento na frente do portão da empresa. No amanhecer de sábado fomos informados que tinha sido encontrado três trabalhadores. Todos submergiram nas águas do Amazonas, um no próprio local do acidente, no antigo Porto de embarque, outro na área próxima ao Matapi e o outro, e último, próximo a fazenda da Domestilar. Todos foram levados para a polícia técnica científica do Estado pelo bombeiro militar. Inclusive os três em estado de decomposição e um dos já faltando partes do corpo. A empresa solicitou um membro de cada família para ir até Macapá, objetivando fazer o reconhecimento dos corpos. E foram seis pessoas em um Van da Anglo, mais duas representantes da empresa e seguindo este transporte uma ambulância. Meio dia chegaram na Politec, mas informaram que só após duas horas de tempo um médico legista chegaria e o procedimento de reconhecimento aconteceria.

Houve revolta pelas informações colocadas, no momento chegou a deputada Mira Rocha e entrou para solicitar medidas para solucionar o entrave. Em seguida, na verdade, nos colocaram que em função do grande estado de decomposição e por estarem muito inchados, necessitariam que fossem postos no gelo e aplicados um produto especial para expelirem a grande quantidade de água do corpo. Nos exames preliminares holísticos de fisionomia e particularidades e depois no exame de impressão digital, confirmou que os corpos tratava-se de Manoel, Eglison e Jorge Marcos. Foram entregues as famílias que fizeram os procedimentos legais e, conseqüentemente, funerários. Todos foram velados somente na noite e na madrugada e no Domingo sepultados.

Na frente da empresa as outras três famílias esperavam informações dos desaparecidos. Na tarde em reunião da empresa começou uma relação de cordialidade. A empresa neste momento passou a dar apoio de alimento, colchões, lanche. Algo que deveria ocorrer desde o primeiro dia, ocorreu somente no domingo dia trinta e um.

Inclusive foi fechado a noite com a informação, da boca do gerente da empresa que pela manhã, teríamos apoio de um helicóptero do exército e que a Anglo alugará cinco barcos para as famílias rodarem, junto com os bombeiros, em busca dos desaparecidos.

Ficamos na espera do dia primeiro de abril, com a presença de dois mergulhadores profissionais vindos fora do Estado para apoiar no trabalho de buscas de grandes profundidades. Cerca de quarenta metros de profundidade.